

**APONTAMENTOS ACERCA DA PRODUÇÃO TEATRAL PAULISTANA.
NOS ESPETÁCULOS ADULTOS APRESENTADOS NA DÉCADA DE 1980
O SURPREENDENTE PREDOMÍNIO DO FEMININO EM CENA.**

Alexandre Mate

Universidade Estadual Paulista – UNESP

História do teatro; teatro paulistano; teatro paulistano - década de 1980.

A totalidade das fontes documentais disponíveis (livros, revistas, jornais, anuários de teatro), de modos mais e menos explícitos, passa pelo argumento segundo o qual a década de 1980 teria sido uma “década perdida”. Evidentemente, tal rótulo-pecha, migrado fundamentalmente da economia – uma vez que o mundo passava por um processo de desequilíbrio decorrente, sobretudo, da crise do petróleo – não se traduz em termos amplos, mas setorizadamente. De outra forma, afirma-se a “crise do teatro” sem remetê-la, articulá-la a conceitos políticos mundiais e circunstâncias históricas concretas. Fala-se em crise da produção teatral, mas não se liga essa crise, à imposição de uma nova ordem econômica mundial, denominada e decorrente de uma nova concepção de economia de mercado. Em 1979 e 1981, respectivamente, Margaret Thatcher e Ronald Reagan chegam aos mais altos cargos em seus países de origem. Em ambos os casos, mas de modo mais acentuado no primeiro deles, a política da “Dama de Ferro”, para equilibrar a receita, destrói a política que vinha sendo implantada desde a Segunda Grande Guerra Mundial, denominada *Welfare State* (Estado do bem estar social), que atendia sobretudo à classe trabalhadora.

Uma das primeiras motivações à realização da pesquisa que realizo: A produção teatral paulistana na década de 1980 (ainda não concluída) deveu-se ao fato de ter vivido a década: como cidadão, artista, professor e militante. Como uma década que apresenta tantas mudanças políticas significativas pode ser considerada perdida? Perdida para quem? O processo mobilizatório, no sentido de democratização do país, compreendeu: a denúncia dos mortos e sumidos na ditadura com a abertura dos arquivos militares; a luta pelas eleições diretas, livres e soberanas em todos os âmbitos da vida política; a reconquista e reconstrução pela autonomia dos sindicatos; a luta pela redemocratização do sistema educacional; a derrubada da censura na imprensa e nas artes. Em teatro *Rasga coração* de Oduvaldo Vianna Filho caracteriza-se em um dos símbolos desse processo...

Pelo mundo, como nomeia Eric Hobsbawm, processos de dissolvência e de reconstrução: União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas e a destruição do Muro de Berlim; eleição de Reagan nos EUA, mas de Lech Walesa na Polônia; da ex-atriz pornô Cicciolina na

Itália, mas de Luiza Erundina no Brasil. Nada ficou pelo caminho. Algumas utopias se perderam outras passaram a ser construídas.

O que se pode afirmar atento às diversas formas de relação social, das cotidianas às estéticas, é que a totalidade dos discursos “acerca de”, apregoando tantas derrotas, não se coaduna às práticas efetivamente desenvolvidas. Trata-se de uma década em que a lógica do mercado dá início a um significativo massacre de experiências distintas.

Segundo Walter Benjamin, em suas teses *Sobre o conceito da história*, o tempo histórico como irreversibilidade dos acontecimentos sociais, que não corresponde ao tempo vivido, é repleto de múltiplos, heterogêneos e contraditórios agoras. Refletir sobre uma determinada fatia de tempo pressupõe a consciência tanto *a priori* como no que se pode chamar de percurso de andança, de que a cada etapa vencida, inúmeras são as lacunas deixadas em estado de desassossego. O tempo histórico, quando documentado, deixa de ter uma espécie de amplidão lancinante para transformar-se em representação. Algumas descobertas que vão sendo descortinadas – tendo em vista a premência do tempo individual, sempre curto e repleto de várias e díspares tarefas –, conseguem ser trabalhadas; outras, e pelas mais variadas dificuldades, são deixadas de lado ou em suspenso para serem retomadas, quando e se for possível, *sine die*. Priorizar ou postergar as tarefas, radicalizar ou abrandar os fazeres, no sentido de enfrentar, esse tempo de partido, demanda uma consciência de que os tempos de agora não começam agora, mas em fatias anteriores, a partir de muita e contraditória luta, nos mais diversos sentidos e cujos campos de batalha não foram abstratos ou metafóricos.

Em pesquisa recentemente realizada em várias fontes (jornais, livros e revistas, anuários de teatro, entrevistas, *releases* e programas) consegui chegar aos seguintes resultados olhando os contraditórios das distintas camadas do teatro paulista desta época: foram apresentados na cidade de São Paulo, na década de 1980, 2.042 espetáculos adultos. Desse total, 1.430 espetáculos tiveram dramaturgia brasileira (aproximadamente 70%); 576 textos de dramaturgia não brasileira (cerca de 20%); 36 textos mesclando, em processo de colagem, textos brasileiros e estrangeiros (aproximadamente 1%). Ainda de acordo com a pesquisa, 1.005 textos foram apresentados uma única vez, e 178 deles correspondem a textos remontados. Por intermédio deste último dado chega-se a aproximadamente 14 textos repetidos por ano, durante a década. Do total de textos não brasileiros, 71 deles foram remontados. Considerando os números, os textos estrangeiros foram mais remontados que os brasileiros.

O texto mais montado na década foi o monólogo *Apareceu a Magarida* de Roberto Athayde, escrito em 1971, e grande sucesso da década de 1970 –, com cinco montagens. *Explode coração* de Enemir Franco, teve quatro montagens, assim como o monólogo *Diário de um louco*

de Nicolai Gogol. Com três montagens cada, algumas bastante comerciais, foram apresentadas: *A cantora careca* de Eugène Ionesco; *Ai, meu Paraitinga* de Diógenes Feliciano; *A resistência* de Maria Adelaide Amaral; *As criadas* de Jean Genet; *As hienas* de Bráulio Pedroso; *Dorotéia* de Nelson Rodrigues; *Escorial* de Michel de Ghelderode; *Esperando Godot* de Samuel Beckett; *Greta Garbo quem diria acabou no Irajá* de Fernando Melo; *Marido, mulher & Cia* de Enemir Franco; *O burguês fidalgo* de Molière; *Por telefone* de Antônio Fagundes; *Senhora* de José de Alencar, com adaptação de Sérgio Viotti; *Sonho de uma noite de verão* de William Shakespeare; *Todo mundo nu* de Ricardo Bandeira. Dessa forma, dentre os textos com maior número de montagens, comparando a categoria texto brasileiro *versus* texto estrangeiro, houve um maior número de obras brasileiras montadas, com ênfase aos monólogos: contingência do mercado.

Sem ter sido possível cotejar os dados com informações de períodos anteriores ou mesmo posteriores, o que salta aos olhos é o fato das mulheres e do feminino dominarem a cena teatral. No concernente ao trabalho de criação estética os homens ainda dominam na função de direção de espetáculo, de cenografia, de iluminação, entre outras, exceção feita à preparação corporal e à criação de coreografias. Várias mulheres constam como criadoras de figurinos, dentre as quais destaca-se Kalma Murtinho; no concernente ao trabalho de sonoplastia, destacam-se Tunica seguida de Flávia Calabi. Ligado à cena, entretanto, no concernente ao trabalho de interpretação, há o predomínio do feminino sobre o masculino. O feminino domina por ser maior o número de mulheres em cena e por haver muitos homens fazendo personagens femininas.

Alguns dos espetáculos apresentados exclusivamente por atrizes foram: *A cena de origem*; *Agnes de Deus*; *A mais forte*; *Aos 50 anos ela descobriu o mar*; *A paixão segundo G. H.*; *A rainha do frango assado*; *As irmãs siamesas*; *As lágrimas amargas de Petra von Kant*; *As quatro meninas*; *Assunta do 21*; *A velha dama indigna*; *Blas fêmeas*; *Boa noite, mãe*; *Brincando em cima daquilo*; *Círculo de cristal*; *Clarice*; *Damini*; *Dark d'Arc*; *Depois do expediente*; *Elis aniversário*; *Fim de caso*; *Hamletmachine*; *Harpías e Ogros*; *Ifigênia*; *Jogo de cintura* (de Marilena Ansaldi); *Juliada*; *Lado B*; *Levadas da breca*; *Liliam*; *Lulu, a caixa de pandora*; *Mancha roxa*; *Minha por um dia*; *Mulher, mitos e medos*; *Mural mulher*; *Nardja Zulpério*; *O dia das bruxas (Halloween)*; *Oito mulheres*; *Os cegos*; *Quatro mulheres*; *Que saudade, Elis*; *Rainha do frango assado*; *Um orgasmo adulto foge do zoológico*. Textos com preponderância de personagens femininos: *Abajur lilás*; *A noite das mal dormidas*; *Uma relação tão delicada*. Obras cujos títulos priorizam o feminino: *A amante inglesa*; *A condessa Yacocah*; *A dama de copas e o rei de Cuba*; *Adorável Júlia*; *Adoro a Dora*; *A estrela Dalva*; *Afinal, uma mulher de negócios*; *A fúria da tigresa*; *A hora da estrela*; *Aldeia Antígona*; *Alice, que delícia*; *Alzira Power*; *A mãe, alma da revolução*; *A nonna*; *Antígona*; *As bacantes* (duas montagens); *As filhas*

da mãe; Ataliba, a gata safira; Chiquinha Gonzaga: ó abre alas; Cordélia Brasil; Delícias e malícias; Dona Flor e seus dois maridos; Dona Rosita, a solteira; Dona Xepa; Elas complicam tudo; Elas por ela; Eletra com Creta; Erêndira; Essa tal de Mafalda, quem diria, terminou numa terça-feira de carnaval; Fedra; Fraulien Grädiges; Fulaninha e dona Coisa; Helena; Lola Moreno; Mirandolina; Mme. Blavatsky; Mme. Pommery; Mme. Caviar; Mulher, o melhor investimento; Noturno para Pagu; Nua, descasada; Os fuzis da Sra. Carrar; Os mitos femininos; Rosa de Cabriúna; Rosa do asfalto; Santa Joana; Srta. Júlia; Tanzi – uma mulher no ringue; Terezinha de Jesus; Uma estrela Clarice; Xica da Silva (duas montagens). Obras em que homens fazem papéis femininos: Amar, verbo intransitivo; As tias; Donana; Ela sou eu; Hellô, boy; Olhares de perfil; O mistério de Irmã Vap; Os filhos de Dulcina; Quem tem medo de Itália Fausta.

Vários seriam os motivos pelos quais isso teria ocorrido, o dado objetivo, pelo menos na cidade de São Paulo, prende-se ao fato de em número absolutamente superior, as escolas de formação de atores terem sempre as estudantes preenchendo as vagas.

Na tese *A produção paulistana dos anos 1980 – r(ab)biscando com faca o chão da história: tempo de contar os (pré)juízos em percursos de andança*, defendida na FFLCH – Departamento de História (social), sob orientação de Maria Aparecida de Aquino, defesa em 2008, apresento vários outros dados surpreendentes de uma história que começa a ser contada e merece ser lida.

Bibliografia

MATE, Alexandre. *A produção paulistana dos anos 1980 – r(ab)biscando com faca o chão da história: tempo de contar os (pré)juízos em percursos de andança*. Tese de doutorado defendida na FFLCH – Departamento de História Social, sob orientação de Maria Aparecida de Aquino (2008).